

Debatendo o futuro

O começo, hoje, do seminário "Brasília em Debate" — promovido conjuntamente por este jornal, pela Tevê Nacional e Rádio Nacional — poderá se converter num marco muito importante da luta pela autonomia econômica do Distrito Federal, que a comunidade brasiliense desencadeia este ano. A conquista da independência financeira transformou-se numa das prioridades cangangas, na medida em que vem se acelerando o boicote à capital da República por parte da burocracia estatal. Um corte nos repasses da União previstos para este ano, mantido apesar das promessas oficiais de que seriam revistos, mostrou que Brasília não pode mais aceitar os atuais mecanismos. É preciso estabelecer um novo relacionamento — mais formal e respeitoso, menos paternalista — com o governo central.

Esse seminário vai servir, também, para que se deixe bem claro, de uma vez por todas, que Brasília não é uma unidade privilegiada da federação, como alardeiam os mal-intencionados. Na verdade, o estudo acurado das receitas da União no Distrito Federal versus os repasses de recursos mostra uma tremenda defasagem em relação aos demais estados. Proporcionalmente, por exemplo, Brasília é a unidade da federação que mais Imposto de Renda de pessoas físicas recolhe para o governo. Mas não recebe um retorno condizente com essa situação. Aliás, recebe um dos mais baixos.

O principal objetivo desse encontro será a busca de um denominador comum na luta pela autonomia econômico-financeira. O que a comunidade brasiliense deseja, acima de tudo, é o estabelecimento de um meca-

nismo estável de repasses, a fim de evitar que todo ano, em várias ocasiões, as autoridades locais tenham de recorrer a pedidos de suplementação orçamentária. Ora, essas freqüentes quebras de caixa colocam a capital numa posição vulnerável, subalterna, de pedinte, quando, na verdade, a cidade deveria receber um tratamento especial, diferenciado, aliás como ocorre com muitas outras capitais de países.

Essa relação conturbada entre Brasília e o governo da União, em parte, pode ser explicada pela própria cultura política brasileira, calcada no paternalismo, no excessivo centralismo administrativo, no conchavo. De outro lado, é importante ter em mente que a cidade ficou abafada por quase trinta anos de total dependência política. A capital esteve de mãos amarradas esse tempo todo porque não tinha um governo com legitimidade nem uma Câmara Legislativa escolhida pelos seus cidadãos. Assim, o que se viu foi o estrangulamento do processo natural de crescimento. As pessoas foram sendo literalmente empilhadas na medida em que não havia espaço para a expansão da cidade.

Reunidas nesse seminário, as lideranças comunitárias — políticas, empresariais, classistas e acadêmicas — terão um plenário verdadeiramente interessado e qualificado. Apesar da renitência da atual crise econômica, não é mais possível desconsiderar o papel preponderante que Brasília deve ocupar na economia do Centro-Oeste brasileiro. Infelizmente com muitos anos de atraso, Brasília acabará se convertendo no pólo de integração ao País das imensas terras do Oeste e do Norte.